

abril/2022

Revista *Verlidelas*

edição nº 22

DEBATE:

É possível conciliar
qualidade literária
e valor comercial?

CONTO:

Você tem
medo de quê?

ENTREVISTA:

**SONIA
REGINA
VILLARINHO**



VERLIDELAS

abril/2022

Sumário

ENTREVISTA & POESIA ... 03

Sonia Regina Villarinho

DEBATE ... 11

**Escritores Perguntam,
Escritores Respondem #5:
É possível conciliar qualidade
literária e valor comercial?**

CONTO ... 15

**Você tem medo de quê?
Marisa Fonte**

EXPEDIENTE:

Editor-chefe:

•Sergio Carmach

Editora assistente:

•Luzia Barbosa

Fotos (capa e miolo da entrevista):

•Nilo Pacheco

Revisão, diagramação e arte:

•Sergio Carmach

contato@verlidelas.com

www.verlidelas.com

www.facebook.com/verlidelas/

Verlidelas Editora

CNPJ 27.850.067/0001-71

Rio de Janeiro/RJ

EDITORIAL

Iniciamos esta edição com a entrevista de uma poeta que adora fazer versos de amor; e terminamos com um conto redentor sobre o medo – “medos devem ser encarados, e não alimentados”, como diz a autora. Entre essas duas seções – cujo teor pode ser considerado atraente para o público em geral, ou seja, comercial – temos um saudável debate sobre qualidade literária X literatura comercial. É possível conciliar uma coisa com a outra? O leitor poderá tirar suas próprias conclusões lendo o debate, bem como as poesias entremeadas à entrevista e o conto ao final da revista.

Para a nossa editora, ser alternativo ou comercial não é o que torna um texto bom ou ruim. A qualidade se mede por diversos parâmetros. E, se você é autor e julga ter um original de qualidade, independentemente de ser ou não voltado para o grande público, não deixe de participar de nossa chamada (banner abaixo). Ela termina em 10 de abril.

Luzia Barbosa



Apoiam esta edição:



Conheça



Conheça



Conheça

entrevista

POR SERGIO CARMACH
FOTOS: NILO PACHECO

Sonia Regina Villarinho

Carioca, professora aposentada, poeta, mosaicista, amante dos livros e das artes, terceira filha de doze irmãos, mãe de duas filhas e avó de três netos, ela escreveu os primeiros poemas na adolescência inspirada por seu maior ídolo, J. G. de Araújo Jorge. Em um bate-papo descontraído, Sonia fala um pouco de sua vida, de sua trajetória literária e de seu livro solo, "De Todo o Meu Coração – Cem Poemas de Amor"



Do flerte ao AMOR

De acordo com suas próprias palavras, a poesia foi um flerte de adolescência que se tornou um amor para toda a vida. Conte um pouco de sua jornada literária, falando também da influência que seu pai exerceu em sua poesia.

A poesia sempre fez parte da minha vida porque meu pai costumava oferecer versos aos filhos em ocasiões especiais, como nossos aniversários. Ele foi minha maior inspiração. Na adolescência, escrevi as primeiras trovinhas. Através delas, eu expressava minhas opiniões e meus sentimentos. Para mim, não passava de uma divertida brincadeira de rimar. É o que considero um flerte. O interesse pela poesia se tornou maior quando comecei a ler as obras de grandes nomes, como Olavo Bilac, Castro Alves, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e tantos outros expoentes da literatura brasileira. Eu decorava os poemas de tanto ler, e ainda hoje sei alguns de cor. Foi nessa mesma época que me encantei com os versos de J. G. de Araújo Jorge, que se tornou meu grande ídolo. Na minha opinião, o maior sonetista de todos os tempos. Sob sua influência, escrevi minhas primeiras poesias de verdade. Só então tive a certeza de que a brincadeira se tornara uma coisa séria.



Como professora, você teve muitas oportunidades de se expressar literariamente. Que influência a carreira de docente exerceu em sua arte?

Exercer o magistério me permitiu trabalhar com diversos autores e com todos os gêneros de linguagem, inclusive poesia. Assim, tive o privilégio de despertar o gosto por versos em muitos alunos e de fazê-los descobrir um dom adormecido. O poeta e músico Dan Gomez, meu colega de editora e amigo, costuma dizer que foi justamente uma professora que percebeu a sua habilidade na escrita e o incen-

tivou. Isso me deixa feliz.

Exercer o magistério também me deu a oportunidade de compartilhar minha voz poética. Com a implantação do projeto Poesia na Escola pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, a cada edição eram escolhidos autores das dez coordenadorias regionais. Meus poemas foram selecionados e publicados nas coletâneas de todas as edições do concurso até o ano de 2018, quando a ação foi encerrada. É interessante mencionar o projeto Rio, uma Cidade de Leitores, promovido pela prefeitura

Seu jeito de sorrir

Conheço todos os seus sorrisos!
Os generosos, os indecisos,
Quando todo o seu rosto se ilumina,
Quando é só uma linha fina.
Às vezes, um riso engraçado,
Um meio-sorriso enviesado,
Alguns carregados de ternura.
Os que lembram uma travessura,
Quando é só um jeito de calar;
São tantos que nem posso enumerar!
Mas, de todos, o meu preferido
É quando você, surpreendido
E, talvez sem nem mesmo perceber,
Sorrindo, diz o que não quer dizer!





Pela primeira vez cogitei publicar um livro de poesias.
Não sabia como, mas sabia que teria de ser algo especial.



stava escrita

entre os anos de 2009 e 2017. Todo bimestre recebíamos uma lista de livros para que cada professor escolhesse um nacional e outro internacional. Eram realizados encontros com eles, o que me deu a alegria de conhecer, interagir e tietar alguns de meus escritores favoritos. Guardo fotos e lembranças significativas desses eventos.

Você diria que seus versos têm um caráter intimista? Se sim, de que forma sua poesia enveredou por esse caminho?

Sim, com certeza! Acredito que isso se deva ao fato de eu ser uma pessoa introspectiva e de ter, como todo poeta, uma sensibilidade exacerbada. Costumo dizer que um poeta não escreve o que quer, mas o que sente. Expor meus sentimentos e emoções por meio da poesia acontece de forma natural e espontânea. É como ouvir a voz do coração e traduzi-la em versos. Talvez por isso me identifique tanto com a poesia de Cecília Meireles e Clarice Lispector.

Qual foi a motivação para lançar “De Todo o Meu Coração – Cem Poemas de Amor”?

Em parte, foi o fato de eu ter completado 70 anos. De repente me ocorreu que o legado deixado por meu pai não mais existiria quando eu partisse. Então quis homenageá-lo eternizando o dom recebido dele por herança. Pela primeira vez cogitei publicar um livro de poesias. Não sabia como, mas sabia que teria de ser algo especial. A motivação maior foi receber a antologia “Cura Poética”, da qual eu participara com três poemas. Me encantei com aquele exemplar. “Eu gostaria que meu livro solo fosse exatamente desse jeito”,



pensei. E foi assim, depois de um cuidadoso processo de edição, que meu sonho se tornou realidade. Exatamente como eu queria que fosse, em cada detalhe. Até na fonte escolhida para os versos. Ela é fora do padrão, mas achei que assim o livro ficaria semelhante a um manuscrito, como um caderno de versos.

Como você vê o cenário cultural brasileiro da atualidade?

Sob o efeito de uma longa pandemia, o cenário cultural do país sofreu mudanças significativas. O artista precisou se reinventar para se manter em atividade e preservar seu público. As *lives* se tornaram um meio de diversão seguro na fase mais rigorosa de isolamento. Mais uma vez, a criatividade foi decisiva para o artista se fazer presente, num grande exemplo de resistência.

Escrito nas estrelas

Toda a vida se transforma de repente,
Já não existe passado, só presente!
Todas as mais sólidas certezas somem;
É só uma mulher diante de um homem.
Apenas uma mulher apaixonada,
Que só deseja por ele ser amada.
Nada, nunca mais, será tão importante
Nem mais precioso do que cada instante
Desse amor que nos astros estava escrito,
Cuja medida de tempo é o infinito.
Jamais haverá um amor como aquele,
Pois, com certeza, o amor verdadeiro
Não é o único, mas o derradeiro...
Porque não haverá outro depois dele!



O Drive-In das Artes foi mais uma opção criada para levar diversão a pessoas sem lazer por tanto tempo. Para a exibição de filmes antigos, um telão de mais de duzentos metros quadrados foi montado no estacionamento da Cidade das Artes, na Barra da Tijuca (Rio de Janeiro), com vagas para até cem automóveis com dois ocupantes. Lembro da animação de uma amiga que foi com o marido assistir ao filme “E.T. – O Extraterrestre”.

Depois de todo esse tempo de estagnação, o país ensaia os primeiros passos na retomada das atividades culturais. Cinemas, teatros e museus começam a reabrir as portas, ainda com o número de público reduzido pela metade e algumas exigências sanitárias. Mais uma vez, a arte vem trazer uma mensagem de esperança e a alegria que todos precisamos e merecemos.

Você tem projetos em andamento?

Sim, mas não para lançamento a curto prazo. Penso em publicar um segundo livro de poesias, talvez no próximo ano. Ainda estou muito presa à emoção da minha primeira obra solo, quero curtir um pouco mais. Os cem poemas que constam em “De Todo o Meu Coração” têm até vinte e quatro versos. Para o próximo, pretendo selecionar poemas que ultrapassem esse limite, já que entre os mais longos estão alguns dos meus favoritos.

Gostaria de mencionar alguns livros e autores que admira?

Sou uma leitora eclética. Nas minhas estantes, dividem espaço livros de todos os gêne-

ros e de autores diversos.

Para equilibrar a balança, vou citar o mesmo número de escritores nacionais e internacionais dentre os meus favoritos: nacionais – Rubem Braga, Zuenir Ventura, Luis Fernando Verissimo, Laurentino Gomes, Ariano Suassuna, Clarice Lispector, Martha Medeiros, Paulo Leminski; internacionais – Jane Austen, Nicholas Sparks, Dan Brown, Valeria Montaldi, Sidney Sheldon, J. R. R. Tolkien, Harlan Coben, Mia Couto.

Livros que têm um lugar especial na minha estante: “A Química” (Stephenie Meyer), “A Sombra do Vento” (Carlos Ruiz Zafón), a trilogia “Millennium” (Stieg Larsson), “Crime e Castigo” (Fiódor Dostoiévski), “O Caçador de Pipas” (Khaled Hosseini), “A Menina que Roubava Livros” (Markus Zusak).

■





www.mundoescrito.com.br

O texto, além de estar correto tecnicamente, deve levar a mensagem exata que o autor deseja compartilhar. Na revisão de livros, antecipamo-nos aos problemas textuais que seus leitores poderiam encontrar. Temos uma excelente equipe, pois, há dez anos, revisamos livros todos os dias.



REVISÃO DE LIVROS

O texto, além de estar correto tecnicamente, deve levar a mensagem exata que o autor deseja compartilhar. Na revisão de livros, antecipamo-nos aos problemas textuais que seus leitores poderiam encontrar. Temos uma excelente equipe, pois, há dez anos, revisamos livros todos os dias.



TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO

Transcrição de áudio feita 100% manualmente, sem utilização de softwares, pois somos profissionais. Para evitar retrabalhos e dor de cabeça, contrate a transcrição feita por uma equipe completa.

ANORKINDA
NEIDE



FABIO
SHIVA



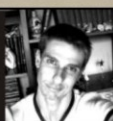
GUSTAVO
ARAUJO



MAUREM
KAYNA



RICARDO
BELLISSIMO



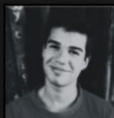
SIMONE
MARQUES



ALEXANDRE
BHERING



BEN
OLIVEIRA



FERNANDO DE
ABREU BARRETO



IVAN DE
ALMEIDA



MOGG
MESTER



SERGIO
CARMACH



O projeto “Escritores Perguntam, Escritores Respondem” traz um debate literário divertido, e ao mesmo tempo muito sério, entre doze autores de diferentes tendências. A obra foi lançada em formato físico pela editora Cogito e trata de diversos temas envolvendo o universo das letras. O trecho a seguir deste bate-papo surgiu de um questionamento do escritor Ben Oliveira:

**É possível conciliar
qualidade literária
e valor comercial?**





BEN OLIVEIRA

O desafio do escritor contemporâneo, para ter uma chance no mercado editorial, é produzir algo que seja comercializável e que, ao mesmo tempo, tenha qualidade. É possível conciliar qualidade literária e valor comercial? Podem a literatura e o mercado editorial andar de mãos dadas?



FERNANDO DE ABREU BARRETO

Sim, podem. O mercado depende menos das editoras e dos escritores que dos leitores. Discute-se muito a influência de grandes editoras sobre o gosto popular, mas na verdade quem orienta as vendas são os leitores.

Negar a importância da publicidade nessa discussão é tolice, mas a questão tem raízes mais profundas. O Brasil é um país sem leitores em comparação a outros mercados. Enquanto aqui são lidos quatro livros ao ano em média, na França e na Espanha se leem mais de dez, reflexo claro do nosso sistema de educação, que não prioriza ou incentiva a leitura e não cria mecanismos para divulgar a literatura como lazer. Para o brasileiro, ler é chato. No entanto, o fenômeno é relativo. Na Argentina, país latino com o maior número de livrarias *per capita* e onde a literatura é apresentada com um tanto mais de importância, a média de livros lidos por habitante não é muito superior à do Brasil, o que reforça a tese de que os sistemas de educação menos robustos terminam por influenciar negativamente também a literatura.

A educação de qualidade melhora tudo ao seu redor, desde a saúde e o acesso ao trabalho até a vida cultural de uma sociedade. Daí que podemos medir a qualidade da educação de um povo pela qualidade dos livros que aquele povo lê.

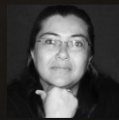
Alie-se a isso a dificuldade do brasileiro residente nos grandes centros em aceitar e se

identificar com ícones culturais nacionais e nós entenderemos o panorama atual, em que autores iniciantes contemporâneos adotam uma voz mais palatável e internacional, que chamam comercial, preocupados com cifras e listas de livros mais vendidos. Nesse sentido, César Aira radicaliza. Para esse escritor argentino, o autor deve se desvincular do livro assim que termina de escrevê-lo; venda é coisa de vendedor, escritores apenas escrevem. E quando escrevem, acrescento, devem se preocupar exclusivamente com a qualidade literária. Parece uma visão romântica, mas não é, porque é, sim, possível conciliar alta literatura e valor comercial. Para que um texto tenha força de mercado, ele precisa ser atual, dinâmico e conter alguns ganchos que façam o leitor se identificar com a obra. Para ter valor literário, um livro deve dialogar de forma original com a linguagem, deve modificar algo na literatura. São alguns elementos básicos que não me parecem incompatíveis. Existem muitos exemplos de comunhão entre alta literatura e mercado, mas prefiro terminar com uma provocação, lembrando o inexplicável caso de antagonismo entre Hilda Hilst e E. L. James. Ninguém tratou de sexo com a competência e a elegância da escritora paulista. Hilst apresentou uma obra original que passou pelo tema com grande contribuição para as Letras. No entanto, fora do meio literário, pouca gente abaixo dos trinta anos ouviu seu nome. A britânica, por seu turno, chegou a vender treze livros por minuto no Brasil, ultrapassando a marca de cem milhões de cópias vendidas pelo mundo. Parece que sua maior influência está no aumento da venda de mercadorias eróticas para donas de casa e no surgimento de uma tropa de escritores de *soft porn*. Não vejo como a melhor das contribuições. O que explicaria esse antagonismo entre Hilda e Erika no que se refere à qualidade das letras e o sucesso comercial? Ninguém saberia dizer, mas não tenho dúvida de que é mais fácil tornar a obra da paulista vendável que premiar a londrina.



**MAUREM
KAYNA**

Acho Hilda Hilst bárbara e adoraria concordar contigo, mas vejo pouca possibilidade de torná-la realmente vendável, pois para ler HH é preciso ter uma base de vocabulário e habilidade de leitura/interpretação que grande parte dos leitores de hoje não dispõe. Ela não tem uma escrita fácil, desde a estrutura das frases até a arquitetura geral da história. São textos bárbaros, contundentes, mas certamente não palatáveis para grande parte dos leitores, especialmente os abaixo de 30. Uma pena, penso eu...



**SIMONE
MARQUES**

A diferença entre as duas é exatamente essa, Maurem. Significa que uma delas quer falar aos leitores, independente de seu vocabulário e formação, enquanto a outra interessa o público maduro, com referências necessárias à compreensão. É uma questão de público-alvo, creio eu.



**MAUREM
KAYNA**

Acho que sim, Simone. São propósitos diferentes no escrever e no diálogo, o que imagino ser sempre a pretensão de um escritor. Cada uma tem um interlocutor diferente no pensamento. Mas realmente acho uma pena não haver um número de interlocutores maior para “dialogar” com obras como a de HH.

■ ■ ■



SIMPLESMENTE PÉROLA



CONCEIÇÃO SANTANA



NA VIDA NATURAL, toda pérola nasce de uma agressão. Diante da invasão de um corpo estranho, geralmente um diminuto grão de areia, que lhe provoca inflamação e sofrimento, a ostra reage envolvendo o agressor em sucessivas camadas de madrepérola. E assim, através de incessantes labores, a pequena ostra torna-se artífice de um singelo milagre da natureza. Surge uma gema esférica, de atrativo brilho, onde antes só havia um grosseiro e minúsculo grânulo. Do mesmo modo, existem pessoas que aprendem a fazer de suas vidas autênticas pérolas, transmutando as dores em beleza, as angústias em aprendizado, as lágrimas em poesia. Com sensibilidade e leveza, Conceição Santana nos brinda com a história de uma dessas mulheres preciosas, que soube fazer de si mesma “Simplesmente Pérola”.



Lançamento
em breve

Conto

marisa fonto



Professora, tradutora pública,
intérprete comercial,
psicanalista, coach e
palestrante, ela foi selecionada
em 2021 para fazer parte da
antologia "O Medo que Nos
Envolve" (2021) com o conto

VOCÊ TEM
MEDO
DE QUÊ?

JÁ FAZIA ALGUM TEMPO QUE DÉBORA namorava Oscar, um colega do ensino médio que havia estudado em outra classe e era monitor de Matemática – matéria que ela sempre abominara! Não fazia qualquer sentido na sua cabeça que uma letra desse um número como produto final. Enfim, não aprendera muito, mas os encantos de Oscar fizeram com que ela se interessasse um pouco mais por essa disciplina, a ponto de, afinal, tirar boas notas. Verdade, estudava muito para impressionar Oscar, pois queria mostrar a ele que era uma aluna boa e dedicada.

Ao final do ensino médio, ele seguiu para a faculdade de Engenharia, e ela, quase que naturalmente, foi cursar Letras. Assim, nunca mais precisaria fazer aquelas contas sem pé nem cabeça. A Matemática passou a ser para ela um monstro, capaz de devorá-la caso a surpreendesse. Ela tinha pavor de ser chamada a fazer qualquer tipo de cálculo, por mais simples que ele pudesse parecer.

Embora o casal se encontrasse nos finais de semana, o relacionamento logo passou a ficar mais frio. Já não era a mesma coisa quando se viam. Parecia que algo entre eles havia se rompido definitivamente. Débora sentiu aquele afastamento, e em comum acordo eles resolveram se separar. Ela, com um inexplicável temor diante da vida, teve medo de nunca mais encontrar um namorado, teve medo de o seu jeito afastar qualquer um que se interessasse por ela, teve até mesmo medo de ter medo.

O motivo pelo qual Oscar estava tão distante era o encantamento por Mariana, uma colega do curso de Engenharia. Ela era o oposto de Débora: extrovertida e companheira, Mariana estava sempre disposta a acompanhar o namorado a qualquer programa, fosse futebol, teatro ou aniversários. Até mesmo a prática de esportes radicais estava na lista, como mergulhos e escaladas de montanhas, coisas que apavoravam Débora só de pensar, como ele dizia. O medo de algo dar errado fazia com que ela não aproveitasse nem mesmo um passeio de lancha, pois o mar poderia ficar agitado de repente.

Débora ficou sozinha um tempo, até que conheceu Leandro, colega de redação de uma importante revista, na qual ela trabalhava como revisora. Ele era o editor-chefe e aprovara Débora para a vaga mesmo antes de conhecê-la. Ela tinha feito um teste perfeito, e Leandro, extremamente exigente, a escolheu. Quando a encontrou pessoalmente, ficou encantado com a beleza da moça de modos delicados e elegantes. Depois de alguns meses de convívio diário, ambos estreitaram os laços e começaram a namorar. Logo Débora começou a temer que o namoro não desse certo, assim como não havia dado certo o namoro com Oscar. Porém, o relacionamento continuou, e algum tempo depois acharam que era hora de cada um conhecer a família do outro. Leandro iria à casa de Débora no sábado à noite, e ela iria à casa dele no domingo para o almoço.

Ter de conhecer a família do namorado parecia um pesadelo. O medo fazia dela uma pessoa insegura. De fato, ela sempre se achara uma criança feia e inadequada, e carregava esse peso consigo. Sofria de baixa autoestima e, por mais que fosse considerada bonita, sentia-se feiosa e desajeitada. Jamais comentara essas coisas com quem quer que fosse, e a timidez escondia esses sentimentos.

A mãe de Débora, mulher firme e decidida, ofuscava a filha, que não tinha vez diante daquela figura exuberante. No fundo, a moça detestava o jeito da mãe, pois ela era determinada e chamava a atenção por sua autoconfiança. Não era especialmente bonita, mas charmosa. Às vezes se impacientava com a falta de atitude da filha, sempre abrigada dentro de uma concha para se proteger. Queria vê-la colocando para fora a sua capacidade de brilhar. Mas a moça não aceitava qualquer opinião e se escondia cada vez mais atrás da máscara da timidez e da servidão. Ela jamais deixava de prestar um favor, mesmo que isso lhe causasse algum prejuízo. A mãe lamentava a decisão da filha de ser infeliz, mas sabia que nada poderia ser feito sem que a própria moça desejasse.

O sábado chegou, e a cabeça de Débora fervilhava. Temia que a mãe chamasse muito a atenção de Leandro. Então, pediu para ela se portar de maneira discreta, ao que ouviu a seguinte frase: “Jamais deixarei de ser eu mesma. Se não quiser que eu conheça o seu namorado, diga a ele para não vir.” Débora sentiu raiva, e só não cancelou a visita porque esse encontro, de um jeito ou outro, teria de acontecer um dia. Às sete em ponto o porteiro anunciou a chegada do rapaz, e Débora desceu para encontrá-lo.

– Não repare em nada, por favor – pediu ela, angustiada.

– O que haveria para reparar? – disse ele, com bom humor. – O que sinto por você não mudará por causa de ninguém.

– Assim espero – a moça murmurou entredentes.

Leandro não entendeu o motivo daquela preocupação e riu, abraçando a namorada. Chegaram ao apartamento bem-decorado, onde a mãe de Débora os aguardava com um enorme sorriso de boas-vindas. Ele logo simpatizou com Darlene, que começou a conversar de forma natural e espontânea, como se já se conhecessem havia tempos. Ela gostava muito de filmes e livros.

Os três conversavam animadamente quando Jonas, o pai de Débora, chegou com o outro filho, Lucas, dois anos mais novo que a irmã.

Lucas tinha aquele jeito de estudioso, de quem sempre sabe das coisas. Era um pouco quieto, mas simpático. Já o pai de Débora não causou boa impressão em Leandro. Era meio grosseiro e relaxado, o que contrastava com Darlene. Ele se despediu, dizendo que só havia subido para cumprimentar o rapaz. Leandro sabia que os pais de Débora eram separados, mas achou que ambos ficariam para o jantar.

– Ele não gosta de ficar perto de ninguém – disse Darlene. – Felizmente, trabalha com TI e não precisa ter contato direto com as pessoas. É um bom homem, mas, depois que o pai morreu em um acidente, ficou assim. Os dois tiveram uma discussão boba e não se reconciliaram. Já faz quatro anos e ele só piora. Não aceita qualquer tipo de tratamento. Isso faz a situação ficar ainda mais difícil.

Débora tinha pavor de ficar como o pai. Ela achava que isso poderia ser um traço genético. Ela imaginava que, se algum acontecimento desencadeasse esse processo de remorso, ela ficaria deprimida e talvez até morresse. Cada vez que via o pai, esse medo vinha à tona e ela ficava um pouco descontrolada. Pediu licença e foi para o quarto se acalmar. E agora estava morrendo de medo do que Leandro pensaria de sua família. “Bem que meu pai podia não ter aparecido”, pensou. Ela temia os seus sentimentos, e temia as consequências que tais sentimentos poderiam trazer para a vida dela. Sua cabeça fervilhava de pensamentos. Pareciam minhocas se mexendo dentro do cérebro, e ela não conseguia controlar aqueles seres. Precisava de tranquilidade para o jantar transcorrer em paz. Percebeu estar demorando no quarto, e voltou para a sala com um sorriso sem graça, que revelava as suas preocupações. Leandro percebeu seu nervosismo. Segurou a mão da namorada e notou que estava fria. A mãe se adiantou em explicar:

– Ela não se sente bem na presença do pai.

Habilmente, Darlene mudou o rumo da conversa, e logo o ambiente voltou ao normal. Menos para Débora, que ficou com raiva da mãe por ela conseguir contornar as coisas com graça e naturalidade. Que inveja sentia daquela mulher, de seu talento para resolver as coisas. “Se pudesse, mandaria ela sair da sala!”, pensou.

Como temera, a mãe estava se tornando o centro das atenções, e Débora teve medo de parecer insossa. Darlene gentilmente tentava fazer a filha participar da conversa, convidando-a a dar opiniões sobre tudo o que falava. Lucas, por sua vez, fazia observações inteligentes, sempre trazendo novo frescor à conversa. Leandro simpatizou muito com ele. Combinaram de jogar tênis juntos, pois nenhum dos dois tinha parceiro.

O jantar transcorreu em clima alegre, embora Débora estivesse exausta. Disfarçar os próprios sentimentos e fazer de conta que era uma pessoa segura dava trabalho. E o medo continuava lá, fazendo com que ela não aproveitasse nada daquela noite agradável. Felizmente, perto da meia-noite Leandro foi embora.

Ela se colocou debaixo do chuveiro e chorou como uma criança decepcionada por terem esquecido o seu aniversário. Mais calma, foi para o lado da mãe, que de

pijama assistia a um filme antigo com Lucas.

– Estávamos comentando como Leandro é simpático e agradável – disse Darlene, alegremente. – Que bom ter um namorado tão amoroso. Percebe-se o quanto ele gosta de você!

Débora deu um sorriso vazio. “Será que ele gosta mesmo de mim ou só tem pena por eu ser tão tonta?”, pensou. “Ele poderia ter a namorada que quisesse. É lindo, bem-sucedido, inteligente e tem uma porção de outras qualidades que encantam qualquer pessoa.”

Darlene e Lucas pareciam se divertir com o filme. Débora achou que estava sobrando, pois não via a mínima graça naquela bobagem. Foi deitar. E teve um pesadelo horrível. Darlene se transformava em um monstro que a devorava, e ela, apavorada, buscava ajuda em vão, pois todos apenas riam. Um medo pavoroso tomou sua alma, e ela acordou gritando. A mãe e o irmão correram para ver o que estava acontecendo, e encontraram Débora sentada na cama com a cabeça debaixo das cobertas. Ela soluçava e dizia coisas sem sentido. Lucas fez um chá e pouco depois a irmã se acalmou. Pela primeira vez na vida, ela conseguiu se expressar. Contou sobre o medo incontornável que sentia de tudo e de como aquilo estava consumindo a sua vontade de viver. Disse que gostaria de morrer para, quem sabe, nascer de novo e se tornar outra pessoa.

– Pois acho isso uma ótima ideia – disse Darlene.

Débora olhou para a mãe sem acreditar no que ouvia. Percebendo a filha perplexa, explicou:

– Para renascer é preciso morrer. Precisamos jogar fora o que está ruim em nós. Isso é um tipo de morte. Deixe morrer as incertezas e o medo, e coloque em seu lugar o recomeço. É natural que tenhamos medos, mas em excesso nos prejudicam. E é necessário aprendermos a lidar com eles. Primeiramente, precisamos encará-los e ver se são reais ou imaginários. Temos que entender de onde vêm e, racionalmente, nos livrar deles, buscando soluções para os assuntos que os originam. Por exemplo, se você tem medo de perder o emprego devido a um mau momento da empresa, esse medo fará com que realize um trabalho ruim, pois você estará centrada no problema em vez de focada em buscar soluções. Em um caso assim, o mais coerente é você fazer bem o seu trabalho, começar a buscar uma nova colocação e melhorar os seus conhecimentos, para que, *quando e se* ficar sem o emprego, possa encontrar algo ainda melhor. O medo é uma emoção muito importante para nos manter vivos, pois, se não temêssemos nada, poderíamos nos atirar de um prédio e morrer. Porém, quando ele é constante em nossa vida, precisa ser trabalhado e eliminado para termos equilíbrio.

Débora abraçou Darlene.

– Onde estava essa mãe que nunca conheci?

– Sempre estive ao seu lado. Mas não podemos forçar ninguém a receber o que oferecemos. Você se fechou em si mesma, sem me deixar penetrar nessa barreira que colocou entre nós. Por mais que eu quisesse, não poderia entrar em seu mundo sem ser convidada. Agora, se você aceitar, podemos falar de seus sentimentos. Mas, se não quiser falar comigo, procure outra terapeuta e cuide das suas emoções e sentimentos para aprender a lidar com eles.

– Não, quero você, a melhor terapeuta do mundo. Todos dizem isso. Eu é que sempre achei você muito inteligente e, por medo de ficar sendo analisada o tempo todo, decidi não valorizar o seu trabalho.

Darlene sorriu.

– Bobinha, eu só quero ver vocês felizes. Aliás, vocês e todo mundo.

Os três deram risadas e foram se deitar. Contentes, Débora pensou em como havia sido tola por tanto tempo. Iria aprender a jogar fora o medo, como a mãe lhe dissera. Darlene era uma terapeuta muito querida, pois tinha fama de saber falar a coisa certa na hora certa. Mas Débora, por raiva e ciúme, recusava-se a aceitar qualquer coisa que a mãe dissesse. Sentia-se ofuscada pelo brilho da sua autenticidade e alegria.

No dia seguinte, os três tomaram o café da manhã mais alegres e falantes, em um clima diferente do normal. Débora estava na expectativa de conhecer a família de Leandro. Ele dissera que as irmãs e os cunhados estariam lá também.

Ao buscar a namorada, o rapaz sentiu uma leveza encantadora na moça. Abraçou-a e lhe disse o quanto era linda e o quanto a amava. Débora concluiu que o medo a deixava de fato sobrecarregada. Livrar-se dele com o discernimento proposto pela mãe fazia todo o sentido. Dali em diante, encararia a vida com mais sabedoria e alegria, procurando se conhecer melhor. Seguiu assim, imersa em pensamentos, quando Leandro disse:

– Chegamos.

Subiram até o apartamento, onde os pais do rapaz e uma das irmãs com o marido já os esperavam. Ela foi cumprimentada carinhosamente por todos.

Em meio ao animado bate-papo, chegou a outra irmã e seu companheiro, ninguém menos que... Oscar. Débora se lembrou da conversa que tivera com a mãe. Assim, em vez de sentir medo, foi abraçar o ex-namorado.

– Que mundo pequeno! Já nos conhecemos, não é? – brincou com ele.

Oscar retribuiu o abraço, e Mariana, irmã de Leandro, espantou-se.

– Não me diga que ela é a Débora de quem me falou...

– A própria! – confirmou Oscar, sorrindo.

Mariana abraçou Débora, e os três deram risadas. Ela explicou para a família que Oscar e Débora tinham ficado juntos muito tempo atrás, quando estavam no ensino médio, e que ele desistira do relacionamento para pedi-la em namoro.

Todos acharam divertida a coincidência. Débora pensou em como a conversa com a mãe na noite anterior havia sido providencial. Não tivesse acontecido aquela troca de ideias, ela estaria apavorada, imaginando como resolver o assunto, como era constrangedor tudo aquilo, e faria um drama enorme. Porém, aquelas minhocas no cérebro foram colocadas em seu devido lugar, e ela era agora capaz de pensar sem sentir medo. Afinal, medo de quê? Oscar estava muito bem casado com Mariana, os dois se amavam e esperavam o primeiro filho, ela e Lucas se amavam e quem sabe se casariam em breve. Débora agradeceu mentalmente a mãe, e por um momento se sentiu tola pelo medo que carregara durante tanto tempo. O dia transcorreu alegre, e quando ela chegou em casa contou à família tudo o que se passara.

– A nossa conversa me fez entender de uma vez por todas que medos devem ser encarados, e não alimentados. O medo é como um monstro que pode nos devorar se for fortalecido, mas que pode ser desarmado quando enfrentado com o conhecimento do que ele representa. A minha jornada para eliminar o medo está apenas começando. Quero aprender a lidar com ele e outros sentimentos que desejo eliminar. A vida é muito curta e não vale a pena carregarmos um fardo tão grande desnecessariamente.

Darlene abraçou a filha. Estava feliz por ela finalmente ver as coisas desse modo.

– Não podemos forçar ninguém a entender nada, pois cada um tem o seu próprio tempo. Porém, quando a pessoa se permite enxergar com clareza e eliminar as suas dificuldades, colocando no lugar de cada uma delas a solução apropriada, tudo passa a fluir. Andar pela vida no fluxo do universo faz toda a diferença. Remar contra o fluxo nos cansa e empaca a vida.

Tempos depois, o pai de Débora, convencido pela filha, aceitou fazer terapia e entendeu que estava tudo certo. Era desnecessário carregar o medo provocado por aquela sensação de que talvez tenha errado com seu falecido pai. Ele aprendeu também que a melhor coisa a se fazer é jamais alimentar ressentimentos e jamais deixar de fazer as pazes com as pessoas, pois podemos ser chamados a deixar este mundo de uma hora para a outra, sem qualquer aviso. Em pouco tempo ele voltou a ser a pessoa que sempre fora, e começou a namorar Darlene novamente. Apaixonados, acabaram se unindo outra vez.

Um ano depois, Débora e Lucas se casaram. Agora, livre dos medos, inclusive do “medo de ser feliz hoje, pois isso seria sofrimento certo amanhã”, ela pode experimentar a alegria de seguir em frente sem aquele peso que embota a alma e estaciona a vida sem piedade.



Nas ondas do rádio

Todo sábado
um novo tema

ATMOSFERA LITERÁRIA com Fabio Shiva



"Atmosfera Literária com Fabio Shiva" é um quadro do programa
ATMOSFERA 102, apresentado todo sábado por Fernando
Bamboo na Rádio 102.7 FM, de 12h às 14h

[Confira online](#)

Apoio: Verlidelas Editora

